

Empresários aprovam os

São Paulo — Nos três primeiros meses de sua administração, o Presidente José Sarney acertou muito mais do que errou, tanto na área econômica quanto na política. Esta opinião, compartilhada pela maioria dos empresários do eixo São Paulo—Rio, reflete uma expectativa otimista em relação ao Governo da Nova República.

A simpatia do empresariado e dos banqueiros não significa apoio sem restrições, mas evidencia que, por ora, Sarney pode tocar sem sobressaltos seus projetos econômicos. "Uma agradável surpresa", comenta um banqueiro sobre a performance do Presidente nos seus 90 dias de Governo. "Está fazendo o melhor que pode", sentencia outro. "Não se pode exigir muito de um Governo que tem uma herança pesada demais para carregar", arremata um empresário.

Perigo afastado

E o que fez Sarney para justificar esse crédito? Sua maior virtude, do ponto de vista econômico, foi ter revertido totalmente a tendência da alta dos preços, eliminando o perigo de uma hiperinflação, opina o vice-presidente do Banco Real, Juarez Soares. "Hoje, grande parte dos empresários já está trabalhando com base numa expectativa inflacionária da ordem de 180%, contra previsões anteriores a 350% até fevereiro", acrescenta.

São Paulo/Foto de Wilson Santos



Antônio Ermírio destaca a inflação

Já Toshiro Kobayashi, presidente do Banco de Tokyo, um dos grandes credores do Brasil, se mostra particularmente satisfeito com "a política de corte nos gastos públicos e a redução da inflação". Essa façanha foi obtida, segundo o vice-presidente do Banco Real, pelo freio à expansão monetária, "bem como pelo controle temporário dos preços industriais e dos insumos". E tudo isso aconteceu sem maiores tensões sociais, observa o presidente do Conselho Nacional do Café, Abreu Sodré, que diz:

— Não se pode negar o quanto é duro ter que cortar despesas públicas, combater a inflação e reduzir os juros sem afetar o processo desenvolvimentista. Sarney e sua equipe estão conseguindo isso e muito mais. Por isso, acredito que o Presidente está no caminho certo. É importante reconhecer que tudo foi feito em apenas três meses, contando-se o conturbado período da doença do Presidente eleito.

Dívida externa

A Roberto Vidigal, presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base (ABDIB), agrada bastante a postura das autoridades econômicas na renegociação da dívida externa. Desta vez, explica, o Governo brasileiro não "fará promessas inexecutáveis, como o anterior, que não cumpriu os objetivos básicos definidos nas diversas cartas de intenções enviadas ao Fundo Monetário Internacional (FMI)". Com isso concorda o presidente do Banco de Tokyo, que coordena as negociações da dívida externa brasileira junto aos credores do Leste Asiático:

— Não tenho dúvidas de que o Brasil conseguirá firmar um acordo ainda melhor do que o do México, obtendo inclusive uma sensível redução dos spreads (taxas de risco), hoje em torno de 2,25%. Penso que os banqueiros os reduzirão ao mínimo cobrado atualmente no mercado internacional, que se situa por volta de 1,25%.

Para que o FMI dê sinal verde ao Brasil, faltam entretanto alguns problemas sérios a resolver, adverte Roberto Vidigal, da ABDIB. No seu entender, "as taxas de juros, que continuam altas demais, impedem os investimentos na área produtiva e comprometem a diminuição do déficit público". Juarez Soares, do Banco Real, considera indispensável a maior firmeza do Governo Sarney nas negociações da dívida externa:

— Falta alguém dizer claramente aos credores que o Brasil não tem condições de pagar sua dívida externa, pelo menos da forma como esse pagamento foi discutido anteriormente. Só este ano o país terá que pagar de serviços (da dívida) 11 bilhões de dólares, ou seja, talvez mais do que o superávit da balança comercial, o que é impossível para quem deseja crescer e criar empregos internamente.

Política agrícola

O banqueiro japonês Toshiro Kobayashi está otimista em relação aos entendimentos entre o FMI e a equipe do Governo Sarney. Bem liderada, realista e disposta ao diálogo quando necessita adotar medidas

São Paulo/Foto de Wilson Santos



Kobayashi confia em acordo com FMI

São Paulo/Foto de Wilson Santos



Soares pede ação firme para dívida

importantes, ela tem condições de encaminhar o país rumo à consolidação da retomada do desenvolvimento. Para demonstrar sua confiança, diz que o Banco de Tokyo abrirá mais duas agências no Brasil, uma em Porto Alegre, outra em Salvador. Esta última para dar apoio financeiro a outro grande investimento do Japão na região dos Cerrados.

É no campo, aliás, que se concentra Abreu Sodré para criticar o desempenho do Governo. Embora amigo do Presidente e líder da chamada "conexão paulista" (quatro empresários, um jurista e um economista) de apoio a Sarney, ele se queixa da falta de uma política agrícola. "Essa política deve vir antes ou junto com a implantação da reforma agrária", afirma. Segundo Sodré, ex-Governador de São Paulo e tradicional cafeicultor, os executores da reforma (o Incra) "não podem aplicar uma lei de inspiração democrática com tintas ideológicas incompatíveis com a tradição do país". Além de um correto planejamento agrícola e uma política de exportação de produtos agropecuários, Sodré espera uma política baseada em três princípios:

— Preço mínimo justo e baixado na hora certa; custeio decretado com base em valores reais e definido no momento oportuno aos agricultores; e um seguro agrícola que não garanta apenas o dinheiro emprestado pelo banco, mas que beneficie toda a produção.

Decisões lentas

Menos entusiasmado com a atividade do Governo no campo econômico, o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif Domingos, teme os perigos de uma acomodação do Presidente Sarney na tomada firme de decisões. "Ele precisa afinar sua equipe e partir decisivo para o combate à inflação, mal que insiste em ficar e que aniquila toda a sociedade. Temos ainda um Estado esbanjador, sem nenhuma austeridade. O problema maior continua sendo o déficit público e não os juros, como muitos querem fazer crer", reclama Afif Domingos.

Negativo também, na administração Sarney, é o que Roberto Vidigal, da ABDIB, chama de sistemático atraso de pagamentos das empresas estatais ao setor privado. "Só as indústrias de bens de capital sob encomenda — ou seja, as associadas às entidades — o Governo deve Cr\$ 540 bilhões, sem que algum tipo de solução tenha sido proposto", denuncia.

Em geral, os empresários e banqueiros são unânimes em afirmar: o Governo Sarney age corretamente na área política. O Presidente "nos transmite a convicção de que, antes de tudo, a democracia será preservada", diz Toshiro Kobayashi. Apesar de ter herdado "um verdadeiro caos", sua terapêutica tem sido eficaz, ressalta Abreu Sodré. Já Roberto Vidigal pensa que o Governo

São Paulo/Foto de José Carlos Brasil



Vidigal exalta a volta do diálogo

deveria consultar os empresários para a elaboração da nova lei de greve, mas está satisfeito com a postura do Presidente de promover a volta do diálogo com os demais setores da sociedade. Até Afif Domingos concorda nesse ponto, ressalvando, porém, que Sarney precisa usar mais seu respaldo político para promover as reformas necessárias ao país.

Credibilidade

Antônio Ermírio de Moraes, do Grupo Votorantim, o maior conglomerado industrial do Brasil, não vê nenhuma lentidão de Sarney na tomada de decisões. "A gente tem que entender que o Presidente está buscando ouvir todos os setores da sociedade antes de tomar uma decisão final sobre os problemas econômicos. A prática do diálogo é saudável, quando passamos de um Governo de transição para uma democracia plena", observa, arrematando:

— O Presidente iniciou um combate à inflação não dando espaço para que ela se desenvolvesse e se transformasse em uma hiperinflação. Isso não pode ser esquecido e significa uma vitória política. Daqui para frente, o que temos de esperar é um firme combate ao déficit público e, com isso, a redução da inflação e da taxa de juros. Não se deve titubear nesse combate e o Governo deve rever seus gastos de custeio. Isso é fundamental.

O maior êxito de Sarney foi de "cunho psicológico", opina o presidente da Trading Company IAT, Jacques Eluf. A redução dos índices inflacionários trouxe boa perspectiva para a economia, e as pessoas passaram a acreditar mais no Governo, diz ele.

— Esse restabelecimento da credibilidade é importante para qualquer Governo e o Presidente o está conseguindo. Outro fator importante é a abertura política, que permitirá o aperfeiçoamento democrático e a conscientização de que todos devem participar das decisões mais importantes para a vida nacional.